

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALISPresidente
Lucidéa Batista MaioranaPresidente Executivo
Romulo Maiorana Jr.Diretor-Editor Corporativo
Ronaldo MaioranaDiretora Administrativa
Rosângela Maiorana KzanDiretora Comercial
Rosemary MaioranaDiretor Industrial
João Pojucam de Moraes FilhoDiretor Redator-Chefe
Walmir Botelho D'OliveiraDiretor de Novos Negócios
Ribamar GomesDiretor de Marketing
Guarany JúniorDiretores
José Edson Salame
José Luiz Sá Pereira**O LIBERAL** é editado por
Delta Publicidade S/A
CGC. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 08.496.**Administração, Redação,
Centro Tecnológico Gráfico,
Publicidade**Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-000.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Fax: (091) 3216-1143.
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados
são livre manifestação do pensamento de
seus autores e não representam a opinião
do jornal.**Sucursal Centro/
Centro-Oeste**Diretor:
Fábio Andrade**Brasília-DF**
SRTVN Q.701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte,
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax (61)-3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/
Sul/Nordeste**Diretor:
Carlos Namur**São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsaopaulo@oliberal.com.br**Rio de Janeiro-RJ**
Edifício Dijon Business Center.
Rua Farne de Amoedo, 56 - Cj. 506 e
507 - Ipanema. Cep. 22420-020 - Rio
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari,
Barcarena, Belém, Benevides, Bragança,
Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Con-
córdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia,
Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova
Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro
Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do
Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá,
Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.**Dias úteis R\$ 1,50**
Domingo R\$ 3,00**Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas,
Conceição do Araguaia, Marabá, Monte
Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz,
Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã,
Tucuruí, Xinguba, Juruti, Santarém,
Itaituba, Oriximiná e Óbidos.**Dias úteis R\$ 2,00**
Domingo R\$ 3,60**Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife,
Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.**Dias úteis R\$ 2,30**
Domingo R\$ 4,80**Zona IV** - Demais Estados**Dias úteis R\$ 3,40**
Domingo R\$ 7,20**Zona V** - Macapá**Dias úteis R\$ 2,50**
Domingo R\$ 4,50**Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

joséseráfico

Afirmativa cabana

O eleitorado paraense prepara-se para uma das mais importantes manifestações de vontade. No próximo domingo, todos os inscritos como eleitores do Pará dirão de sua concordância ou discordância com o pretendido retalhamento do Estado, em três unidades federativas. Os pretextos vêm sendo apresentados desde longo tempo, sem que se encontre dentre eles qualquer alegação capaz de lhes conferir a validade do argumento.

Algumas análises bem-intencionadas, mas dosadas de inegável equívoco ou extraordinária ingenuidade, atribuam a pretensão secessionista à ingratidão.

Pessoas afastadas de seu lugar de nascimento vieram ter ao território do Pará e, nele, mercê da boa acolhida e da solidariedade própria do povo, fizeram fortuna - econômico-financeira ou política, quando não ocorre de serem ambas. Ganhando influência, acumularam expressivo poder sobre essas populações, alçando-se a posições políticas que em seu Estado de origem jamais teriam logrado. Seria dever maior dessas pessoas, na análise que consideramos evadida de equívoco, o da gratidão.

Em que pese o respeito por todos os que dedicam algum de seu tempo a tratar da questão que será decidida no dia 11 próximo, não há como mantermo-nos alheios aos perigos desse tipo de avaliação.

Pode-se identificar com clareza a preponderância dos interesses políticos e econômicos que permeiam a discussão (escassa e elitista, diga-se) do assunto. À frente do propósito que a maioria dos paraenses rejeitará, é fácil encontrar representantes dos grandes negócios e de aspirantes à influência política ainda maior. Pior que isso, atuantes em áreas tim-

É hora de juntar-se aos que, fiéis ao espírito cabano que nos inspira, rejeitarão mais uma tentativa de enxovalhar nossa história.

bradas pela existência de trabalho escravo e assassinato de pessoas mais pobres.

Impossível ignorar os vínculos da campanha pela divisão com os fenômenos econômicos próprios das duas regiões em jogo, sem omitir a inserção dos negócios no panorama econômico internacional.

Num certo sentido, a atual fase do sistema capitalista, marcada pelo fluxo constante e intenso do capital em escala internacional, estimula a divisão dos territórios estaduais. Facilitar as transações internacionais com unidades políticas menores e detentoras de potencial apto à mais voraz exploração econômica é desejável, agora que a globalização debilita os estados-nacionais.

Por mais despreparadas que possam ser as lideranças do movimento separatista, elas não o são a ponto de estar cegas para as vantagens meramente monetárias com que se poderão beneficiar. Observe-se que muitos dos defensores da criação dos novos estados são pessoas que residem fora de seus respectivos territórios. Mantêm lá, contudo, negócios que lhes são altamente rendosos e imaginam que mais ainda ganhariam, caso legitimada a divisão por todo o povo paraense.

Isso expressa o absoluto e condenável desprezo pelos aspectos históricos e sociais da temerária empresa. Não se trata de cobrar dos secessionistas a gratidão que não lhes interessa manifestar, mas a consideração de outros aspectos, igualmente implicados na questão.

Se, nos Estados Unidos da América do Norte, a luta entre os estados do sul e do norte (1861-1865) deixou sequelas que perduraram por muito tempo, não é difícil supor quantos males resultariam da separação das áreas do Carajás e Tapajós. Disso já tratou, oportuna e apropriadamente, o governador Simão Jatene.

Mas não está apenas na Guerra da Secessão exemplo capaz de melhorar a compreensão do fenômeno. Aqui mesmo, entre 1835 e 1840, a Cabanagem produziu lições dignas de atenção.

Considerada o movimento popular mais autêntico de quantos tenham ocorrido no Brasil, a Cabanagem gerou no espírito dos paraenses certa atitude e certo brio, de que nos temos valido para enfrentar desafios e rejeitar ofensas à dignidade com que vimos construindo nossa história.

Nesta hora difícil, nada melhor do que recorrermos ao registro dos fatos pretéritos, para colher neles a experiência que nos pode ser útil à melhor decisão. Ainda é hora, portanto, de contar que mesmo aqueles de nós que se deixaram envolver pelas promessas falaciosas pensem mais uma vez. Daí, poderão juntar-se aos que, fiéis ao espírito cabano que nos inspira, rejeitarão mais uma tentativa de enxovalhar nossa história e reduzir-nos a dignidade, pela redução do espaço territorial em que ela se exercita.

A incapacidade para resolver os problemas coletivos, se não a desvantagem de fazê-lo, não pode resolver-se pela separação. Se unidos somos fracos, divididos ainda mais fracos seremos.

José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: jserafico@uol.com.br
jbosco@oliberal.com.br

**rui raiol**

Sócrates, alcoolismo e realidade brasileira

A morte do ex-jogador Sócrates, ocorrida nestes dias, tem profundo significado no contexto social brasileiro. Não foi apenas mais um óbito no movimento natural da vida. Seu falecimento é emblemático porque reflete quanto nosso povo vive escravizado pelas drogas legalizadas, entre elas, as bebidas alcoólicas.

O povo brasileiro tornou-se refém das grandes indústrias de bebidas, principalmente de cervejas, razão por que as maiores fábricas mundiais estão aqui. O mercado da linha etílica pratica um verdadeiro massacre intelectual com a população. Por todos os cantos e em todas as mídias, a bebida é oferecida como passaporte para uma vida feliz. Modelos sorridentes e artistas faturam alto para vender ao povo essa ilusão. O álcool é reverenciado como espécie de deus. Na verdade, há muito tempo Baco naturalizou-se brasileiro. Ele é cultuado por multidões de uma nação que se orgulha de ser a maior potência cristã. Uma nação que finge não ver seu povo afundado no vício do álcool.

A morte de Sócrates é emblemática porque envergonha parte de igrejas no Brasil. Igrejas perdidas em seus ritos rotos, incapazes de auscultar o gemido de sua gente. Igrejas que hoje lucram mais do que alguns bancos, com um evangelho

O alcoolismo é um monstro de muitos tentáculos. Ele tem a ver com perda de emprego, acidentes de trânsito, crimes.

perneta, que só serve para enricar uma cúpula amante do deus Mamom, a divindade da usura, a quem alguns espertalhões ousam chamar de Jesus Cristo.

Sócrates envergonha nossos governos, que, tendo todo o poder nas mãos para educar a população, prefere dividir os lucros do álcool e do fumo. Isso porque sobretaxar esses produtos implica penalizar o povo duas vezes. Significa dizer: "pode beber que eu apoio. Não faz mal, desde que você me pague imposto em dobro". Legislação tributária torpe. Carrasca. Cínica e insensível com as estatísticas alarmantes que esse governo elabora em seus gabinetes corrompidos pela mesma divindade cultuada hoje no Brasil: Mamom.

Não é sem significado a morte de um ex-jogador brasileiro. O futebol é um dos grandes aliados do alcoolismo. É ele um dos maiores responsáveis por essa mazela. Não há tantos anos, o povo brasileiro bebia de sexta a domingo. Porém, com os jogos em meio de semana, a bebida foi ocupando os poucos dias livres. Hoje, há quem beba todo dia. O álcool

patrocina o futebol. O futebol se encarrega de reunir o povo para beber. É uma parceria de morte, tocada na sala e nos bares, que, em telões caríssimos, exibem mulheres seminuas e jogadores suados correndo atrás de uma bola.

Interessante que Sócrates tenha sido médico. Ouvi ele dizer em uma entrevista que sabia do risco de beber demasiado, mas imaginava que o mal era só para terceiros. Ilusão. Ilusão alimentada por esse jogo que nunca termina chamado futebol. Nossa gente vive de sonhos que não lhe pertencem. Sonhos de quem vive da bola. Diretores, técnicos, jogadores, um mundo de interesses estranhos à família. Ao povo, resta o vício, a pornografia na hora dos gols, festejando a arrecadação e os patrocínios que enriquecem a outrem. Resta a contradição de ser esta uma nação dita cristã.

O alcoolismo é um monstro de muitos tentáculos. Ele tem a ver com violência doméstica. Futuro incerto dos filhos, alcoólatras em potencial. Doenças. Problemas financeiros. Inconstância na fé. Perda de emprego. Abandono dos estudos. Acidentes de trânsito. Crimes. São apenas alguns de seus braços malignos. Quem é filho de Deus, fuja disso!

Rui Raiol é escritor
(www.ruiraiol.com.br)

2014 é logo ali

MURILLO DE ARAGÃO

Findo o primeiro ano de seu governo, a presidente Dilma Rousseff continua liderando com ampla vantagem a corrida sucessória para 2014. Não se espantem por eu já abordar o tema. As campanhas são decididas com antecedência ou por fatores excepcionais.

Como ninguém sabe o que pode acontecer de inesperado, os competidores devem se preparar baseados nas informações disponíveis.

Com um quarto do mandato cumprido, Dilma se consolidou como a líder do país, colocando muitos corpos de vantagem à frente dos demais concorrentes.

No mínimo, livrou-se de dois estigmas: o de que seria uma espécie de "pau mandado" de Lula e o de que terminaria rompendo com ele. Nada disso ocorreu.

Mesmo enfrentando sucessivos escândalos com seus ministros, a presidente navega, impávida e blindada, por conta de sua personalidade e do êxito na condução econômica.

Além do auxílio luxuoso da oposição, que, sem rumo, pouco combate ou atrapalha o governo.

Voltando ao tema de 2014: no campo governista, três nomes, além do de Dilma, devem ser considerados.

Lula é hours-concours. Caso queira ser candidato, será. Diz que não. E, devido ao seu problema de saúde, tende a continuar mantendo o papel de fiador do modelo.

Curiosamente, além de Lula ou Dilma, o PT não tem nome forte. Dentro da esfera governista, as duas outras possibilidades são Eduardo Campos e Ciro Gomes, ambos do PSB.

Ciro, muito mais por seu voluntarismo do que por reais condições de disputar, coloca-se no páreo. Talvez para criar uma zona de desconforto em seu partido.

Sem controle da legenda e sem base externa, é um cavaleiro solitário portando uma metralhadora giratória. Logo, pode deixar o PSB e/ou voltar-se para a política do Ceará.

Com seu ego exuberante e suas ideias faiscentes, Ciro deveria ter um partido para chamar de seu: o PdC - Partido do Ciro.

Eduardo Campos é o nome que se configura como o mais viável para desenvolver uma candidatura forte e rachar a base governista em dois.

Conta com o apoio discreto do PSD. Vale lembrar que o PSD de Gilberto Kassab nasceu com a possibilidade de fusão com o PSB. Campos também conta com a simpatia de diversos outros líderes políticos, inclusive Lula e Aécio Neves (PSDB).

No entanto, apesar de ter intenso talento e de controlar um importante partido, o PSB, Eduardo Campos enfrenta sérias limitações que ainda não foram tratadas adequadamente. Nem no campo tático nem no estratégico.

Quando Ciro diz que falta estrada para Eduardo Campos, mira no que viu e acerta no que não viu.

Assim, Dilma é, de fato, a grande favorita para 2014. Não simplesmente por concorrer com a máquina na mão, mas porque seu governo tem gerado satisfação para os atores politicamente relevantes.

São também fatores a seu favor as condições conjunturais e econômicas estáveis no país e a possibilidade de controle da maior parcela do espectro político nacional.

Na oposição, o ano foi praticamente perdido. Nenhum dos nomes que poderiam entrar na corrida presidencial avançou significativamente. Aécio Neves perdeu brilho no Senado. José Serra continua brigando com os correligionários.

O PSDB, apesar das cabeças privilegiadas que compõem sua direção, ainda não conseguiu encontrar um rumo. Para não dizer que nada se salvou, destaque o fortalecimento das relações do partido com o mundo sindical.

Em sendo a favorita para 2014, Dilma deve cuidar, pela ordem: da economia; de sua base política; e das iniciativas de cunho social, para se manter como tal.

Manejando razoavelmente bem esses três vetores, deve confirmar seu favoritismo e evitar a fadiga do atual modelo. E esperar que o acaso não atrapalhe as tendências predominantes.

Murillo de Aragão é mestre em Ciência Política e doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília.